



Julho a Dezembro 2015

Nº 46 • 3ª SÉRIE

CAPA e BATINA

Associação dos Antigos Estudantes de Coimbra em Lisboa

NESTE NÚMERO

VIAGEM AOS
BALCÃS

PAG. 08

OS NOSSOS
POETAS
CARLOS CARRANCA

PAG. 17

OS CONFRADES
DA BRIOSA

PAG. 20

**95º Aniversário da Tomada da Bastilha
725 Anos da Universidade de Coimbra**

Casino Estoril, 21 de Novembro de 2015



ASSOCIAÇÃO DOS ANTIGOS ESTUDANTES
DE COIMBRA EM LISBOA



PÁG.

03	EDITORIAL
04	EM DESTAQUE - 725 Anos da Universidade de Coimbra - 95ª Tomada da Bastilha / Evocação dos 725 anos da Universidade de Coimbra
08	OS NOSSOS PASSEIOS LÁ FORA - Viagem aos Balcãs CÁ DENTRO - Passeio do Outono a Elvas e Olivença
15	A VOZ DA FILANTRÓPICA
16	VISITAS LOCAIS
17	ESPAÇO POESIA
18	CONVERSAS MENSAIS
20	ESPAÇO ABERTO - Alma de Coimbra - "Os Confrades da Briososa"
22	NOTÍCIAS BREVES

Os textos publicados podem ter sido ajustados ao espaço disponível.
A versão integral pode ser consultada na Sede ou no sítio da Internet:
www.aaec-lisboa.com



Prof. Doutor Luís Menezes
Vice-Reitor da Universidade de Coimbra

A 1 de Março de 1290, D. Dinis assinava o documento fundador da Universidade Portuguesa. Com um brilhante rasgo de clarividência, o monarca perspectivava a importância do conhecimento no desenvolvimento futuro das nações, exaltando o *"admirável tesouro da ciência"*. A par da nossa história, a Universidade de Coimbra abriu-se ao mundo à conquista de novos horizontes, ultrapassando as suas fronteiras e projetando-se na sociedade pela sua intervenção nos domínios científico, tecnológico e cultural, influenciando o rumo da nossa história enquanto nação, confundindo-se com ela. Tenho transcrito este parágrafo em vários textos porque estou convicto que a Universidade de Coimbra foi, é e continuará a ser um dos pilares fundamentais da liberdade de pensamento da sociedade, promovendo princípios de justiça social e cidadania responsável. As sucessivas transformações que a Universidade de Coimbra sofreu ao longo dos séculos permitiram aliar ao conhecimento acumulado, e transmitido de geração em geração, a contemporaneidade do conhecimento inovador. A Universidade de Coimbra é hoje uma Universidade moderna, de dimensão global e virada para o futuro, mas bem enraizada numa história com mais de 7 séculos.

A comemoração dos 725 anos em 2015 foi por isso muito mais que um simples aniversário. Foi também mostrar a Universidade de hoje em todas as vertentes da sua missão, nomeadamente no

desenvolvimento de atividades de ligação à sociedade, promovendo a difusão de uma cultura humanística. A Universidade abriu as portas à cidade, mostrando um outro lado mais solidário e de partilha de uma Universidade que extravasa o seu espaço físico, que se estende a Coimbracidade, que lhe dá guarida e que vive ao ritmo do seu pulsar. As iniciativas multiplicaram-se durante todo o ano de 2015, convidando a cidade a (re)visitar os espaços que foram berço da nação em 1143, onde nasceram príncipes e princesas, rainhas e reis, e onde vive há muitos séculos a Universidade de Coimbra.

Com este pano de fundo, o encontro com a história da própria Universidade para projetar o futuro teve o seu ponto alto nos dias 3, 4 e 5 de Julho, altura em que se reuniram em Coimbra os embaixadores da nossa Academia. Foi um mega evento que promoveu um encontro com várias gerações de antigos estudantes.

A receção dos participantes ocorreu na sexta-feira, dia 3, com um jantar num espaço único, a Sala do Exame Privado, sala emblemática da Universidade, que foi palco de tantos e tantos exames finais ao longo dos séculos. A noite terminou com o fabuloso espetáculo de vídeo mapping nas paredes do Paço das Escolas, que retratou de forma sublime a história da Universidade: *"UC 725 ANOS: UMA HISTÓRIA DE LUZ"*. Para quem não viu, ou para quem gostaria de rever, deixo aqui o link com a gravação oficial do espetáculo (<http://www.uc.pt/pimc>). "Ao vivo foi de ficar sem palavras".

No sábado dia 4 as comemorações começaram com o debate "A UC vista de longe", onde o antigo estudante Tiago Brandão Rodrigues, repúblico, ilustre cientista na Universidade de Cambridge e atual Ministro da Educação, nos deu uma visão da Universidade através da sua vivência internacional. A manhã acabou com um almoço académico na cantina das químicas abrilhantado por uma atuação memorável da Estudantina Universitária de Coimbra que incluiu

uma singela mas sentida homenagem à sua madrinha, Dra Fátima Lencastre.

Durante a tarde, efetuaram-se várias visitas guiadas aos diferentes espaços da UC, promovendo um revisitar de memórias e de encontros na nossa Universidade, que culminou num concerto único na Sala dos Capelos, onde a Orquestra Clássica do Centro e os Antigos Orfeonistas ofereceram aos presentes um espetáculo magnífico que, associado ao emblemático espaço, ficou bem gravado nas nossas memórias.

A noite de sábado estava reservada para um jantar de gala no salão do Trono do Palácio de S. Marcos, com várias surpresas, a começar pela ementa do jantar: o Chefe Lavrador preparou um jantar baseado no caderno de receitas da Infanta D. Maria. Foi uma viagem gastronómica ao Século XVI que encantou todos os presentes. Inevitavelmente, a canção de Coimbra terminou esta noite verdadeiramente memorável.

Mas o melhor estava para vir. No domingo, dia 5, decorreu uma fervorosa manhã desportiva no estádio Universitário, onde se reuniram velhas glórias do desporto acadêmico. Para os que tiveram força para se levantar cedo depois do jantar da véspera, as peladinhas de rugby e futebol fizeram desaparecer algumas calorias em excesso e aparecer algumas nódoas negras.

A tarde do dia 5 de Julho de 2015 foi e será a tarde do tempo de encontros. A Praça do Comércio de Coimbra foi palco de um espetáculo único e inesquecível, organizado pelas associações de antigos estudantes da Universidade de Coimbra e oferecido à cidade. Foi um encanto ver a praça cheia de antigos estudantes, habitantes de Coimbra e turistas, a usufruírem de um espetáculo fantástico, que durou toda a tarde. Um particular e expressivo obrigado ao Dr. Augusto Roxo pela organização de todo este dia e a todos os Antigos Estudantes que se disponibilizaram para participar neste espetáculo.

Para mim, que vos escrevo esta pequena descrição, recordo todos os momentos destes 3 dias com muita emoção. Foi realmente um genuíno encontro de afetos envolvendo aqueles para quem a Universidade de Coimbra é e será sempre sua. O rearranjo interno da Reitoria obrigou a alterar pelouros entre os vice-Reitores

tendo eu deixado o Pelouro dos Antigos Estudantes e assumido outros. Esta alteração não belisca o meu sentimento pelos momentos que partilhámos e que espero possam ser repetidos. Os Antigos Estudantes são muito mais que Embaixadores da nossa Universidade. Foi um privilégio poder trabalhar convosco e partilhar da Vossa amizade. Por isso, foi

para mim uma honra organizar e partilhar o “Encontro de Antigos Estudantes” com todos os presentes e beber desta paixão que estabelece elos indestrutíveis e que traduz a força da Academia de Coimbra. *“Ser estudante de Coimbra é mais do que um momento na vida... É um momento para a vida.”*

Muito Obrigado

EM DESTAQUE



725 ANOS DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA

“TEMPO DE ENCONTRO(S)”

Por Augusto Roxo (Presidente da Direcção da Associação de Antigos Estudantes de Coimbra)

No dia 31 de Janeiro de 2015, pelas 12h30, reuniram os presidentes das direcções das Associações dos Antigos Estudantes de Coimbra com o Vice-Reitor que detinha o pelouro das relações com antigos estudantes da Universidade de Coimbra, Professor Doutor Luís Filipe Meneses (a última que se fez até hoje).

Nessa reunião, entre vários assuntos, o Sr. Vice-Reitor esquematizou as comemorações dos 725 anos da Universidade, tendo sugerido que as Associações assumissem a realização de eventos no dia 5 de Julho, integrados num fim-de-semana em que, para além do *“Tempo de Encontros”*, para antigos estudantes, fosse um encontro com a cidade.

Ficou então decidido organizar uma manhã desportiva no Estádio Universitário com os núcleos de veteranos de rugby e de futebol da Associação Académica de Coimbra e, ainda, durante a tarde, um espectáculo, na Praça do Comércio (Praça Velha) em que colaborariam todas as AAEC.

Num esboço do que deveria ser esse espectáculo foram sugeridas várias ideias e a coordenação ficou a cargo da AAEC (Coimbra, “Casa-Mãe” no dizer da Presidente da AAEC em Lisboa); em relação a fados de Coimbra e para evitar que se tornasse repetitivo o espetáculo, ficou decidido que a Coimbra convidaria um grupo. A manhã desportiva decorreu como previsto e foi um bom começo do “encontro”.

O evento da tarde não correu assim tão bem, pois foi necessário improvisar, já que os serviços da Câmara não disponibilizaram o material que tinha sido prometido. Iniciou-se a apresentação do espectáculo por um elemento da RUC (Rádio Universidade de Coimbra) com algum atraso, a fim de afinar o som para a actuação da Orquestra dos Antigos Tunos, regida pelo maestro Augusto Mesquita, cumprindo o que estava acordado ao executar apenas 5 temas.

Seguiu-se, após nova afinação do som, o grupo “Dar de Vaia” trazido

pelo Algarve, que apresentou também 5 temas populares com muita alegria. Nota: “Dar de vaia” é um regionalismo algarvio com o sentido de “saudar quando se passa junto ou perto da casa de alguém ou nas proximidades de alguém” (“Dicionário do falar algarvio” de Eduardo Brasão Lopes, Foco Editora, Faro 1996).

De seguida foi a vez da contribuição da AAEC em Braga que, apenas 8 dias antes, fez chegar por mail o alinhamento do que pretendiam apresentar: 1) AAEC – Braga, na defesa da UC, há 35 anos, em terras do Minho; 2) sessão de Fado de Coimbra com a participação do Grupo de Fados e Guitarradas “Amigos de Coimbra”, de Barcelos; 3) Poema “Balada de Coimbra” de José Régio declamado por Maria da Piedade Taveira e Helder Rodrigues. Como, tanto a “apresentação” da AAEC Braga e a sessão de Fado, não estavam no previamente combinado, foram feitos vários telefonemas com Helder Rodrigues,

vice-presidente daquela AAEC, em que reiterei, como coordenador do evento, que a apresentação estava a cargo da RUC e que mais nenhuma Associação o faria e, quanto aos fados estes foram cortados e apenas seriam guitarradas para acompanhar como fundo musical o poema. Nada foi cumprido e serviu para Helder Rodrigues dizer poemas de sua autoria, o que atrasou ainda mais o espectáculo e levou a um "mal estar" entre todas as associações.

Felizmente que, de seguida, a actuação de Jorge Condorcet, a comemorar os 100 anos de magia dos Condorcet, com o seu humor e truques de magia a que juntou o seu neto, trouxe animação ao público.


A AAEC no Porto fez a participação seguinte, com os seus "Coros Dramáticos" interpretando vários poemas de Miguel Torga, Fausto José, Francisco Bogalho, Manuel Alegre e Tóssan, que foi muito bem conseguida.

Depois a contribuição da AAEC em Lisboa veio a constituir um momento alto do espectáculo, com a "Estudantina 725", formada por antigos membros da Estudantina Universitária de Coimbra e com o nome alusivo aos 725 anos da Universidade, animou e alegrou a praça com o público a interagir e colaborar. Seguiu-se o Grupo Folclórico da Casa do Pessoal da Universidade de Coimbra com vários temas de folclore que ajudaram a manter a animação entre o público, sobretudo nos estrangeiros presentes.

Deveria ter terminado o espectáculo com o grupo de fados "Raízes de Coimbra", mas devido ao adiantado da hora e, porque já tinha actuado outro grupo, retiraram-se pedindo desculpa pelo facto.

Embora com os atrasos e faltas ao combinado previamente, penso que o espectáculo inserido no "Tempo de Encontro(s)" e nas comemorações dos 725 anos da Universidade não deixou de ser uma festa.

Para todos os que colaboraram um sincero muito obrigado com um académico F.R.A.

...-...-...-...  ...-...-...-...

De Francisco de St Aubyn, Presidente da Direcção da Casa de Coimbra no Algarve – Filhos da Madrugada", recebemos o seguinte texto:

"Caros Associados:

Temos o grato prazer de vos relatar a nossa viagem e participação nas Comemorações dos 725 anos da fundação da Universidade de Coimbra, nos dias 3, 4 e 5 de Julho de 2015.

Sáímos em caravana, no dia 3 de Julho, pelas 11 horas da manhã, em automóveis particulares disponibilizados por alguns associados, constituindo um grupo de cerca de quinze pessoas.

Paramos em Almeirim para almoçar e chegamos a Coimbra no fim da tarde, tendo todos ficado hospedados no Hotel Almedina.

O jantar desse dia teve lugar na Sala dos Reitores, anexa à sala dos Capelos, tendo ficado os Presidentes das Associações dos Antigos Estudantes na mesa do Magnífico Reitor e os restantes elementos distribuídos pelas outras mesas, na companhia de um elemento distinto da Universidade. Após o jantar, fomos conduzidos ao pátio da Universidade para assistir à estreia do espectáculo de video-mapping. Espectáculo magnífico que fazia projectar nas paredes dos edifícios do pátio da Universidade os momentos mais relevantes da sua História bem como da história do Mundo, com as realizações mais importantes que aconteceram durante séculos. Na Porta Férrea, à espera, encontravam-se muitos milhares de pessoas e foi com manifesta dificuldade que conseguimos conduzir os nossos carros até à Baixa.

No dia seguinte, Sábado, o almoço decorreu na Cantina das Químicas, sempre com a presença do Magnífico Reitor e do Senhor Vice-Reitor, tendo-nos sido servido um almoço "buffet" muito variado e de grande qualidade e sempre acompanhado com música executada por grupos de estudantes. Após a refeição seguiu-se um programa de visitas às várias instalações da Universidade.

Às 18 horas, na sala dos Capelos de-

correu um espectáculo musical pela Orquestra Sinfónica do Centro e o Coro dos Antigos Orfeonistas da Universidade de Coimbra. Um espectáculo de excelente qualidade e bom gosto.

À saída esperava-nos o autocarro da Universidade para nos conduzir ao palácio de S. Marcos, distante cerca de 12 quilómetros. Fomos ali obsequiados com um jantar de gala, com uma ementa baseada no livro de gastronomia da Infanta D. Maria que se encontra no Museu de Nápoles e confeccionado por um chefe de grande prestígio. Regressámos ao Hotel por volta das duas horas da manhã.

No dia seguinte, Domingo, para os interessados em Desporto, decorreu no Estádio Universitário um encontro de antigas glórias da Académica e aí tive a oportunidade de abraçar velhos amigos e recordar tantos outros que não puderam estar presentes.

O almoço que decorreu na Baixinha, onde também iria acontecer o espectáculo musical, foi um momento de descontração e de convívio. Todas as Associações se fizeram representar por grupos musicais, entre os quais o da nossa Associação, o "Dar-de-Vaia", cuja actuação mereceu os aplausos calorosos de todos os presentes.

Antes da actuação, o Sr. Eng.º Augusto Miranda, em nome da nossa Associação, leu um texto comemorativo dos 725 anos da fundação da Universidade de Coimbra, texto escrito com 725 caracteres e que se transcreve:

"725 ANOS DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA – TEMPO DE ENCONTRO(S)

A Casa de Coimbra no Algarve – Filhos da Madrugada – respondeu à chamada. Cá estamos, muitos anos depois da partida, respondendo ao apelo do Magnífico Reitor e da Comissão das Comemorações dos 725 anos da nossa Universidade.

Estamos cá porque fazemos parte dela, porque nela nos formámos e nela encontramos os traços marcantes das nossas vidas.

Agradecendo a forma distinta como fomos recebidos nestes dias de Festa de Reencontro, queremos retribuir com a interpretação de alguns temas da Música Tradicional Portuguesa, nosso pequeno tributo a referências que nos marcaram na nossa passagem pela Academia Coimbrã: José Afonso, Adriano Correia de Oliveira, GEFAC e, posteriormente, Brigada Victor Jara.

Coimbra tem mais encantos na hora do regresso.

Com alguns "futricas" à mistura, eis o "Dar de Vaia".

De Augusto Miranda, 725 caracteres para Coimbra nos 725 anos da Universidade.

Em Coimbra, a 5 de Julho de 2015, na Praça Velha."



95ª TOMADA DA BASTILHA / EVOCAÇÃO DOS 725 ANOS DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA

CASINO ESTORIL – 21 de NOVEMBRO DE 2015



O Presidente da Assembleia-Geral entre as 2 Universidades

O coroar desta envolvimento que os Antigos Estudantes de Coimbra devotaram à efeméride "725 Anos da Universidade de Coimbra" ocorreu na 95ª Comemoração da "Tomada da Bastilha", em 21 de Novembro, que esta Associação promove anualmente no Casino Estoril, neste ano com um enquadramento especial:

– o papel de anfitrião coube adequadamente ao Magnífico Reitor da Universidade de Coimbra, Prof. Doutor João Gabriel Silva, em parceria presencial com o Vice-Reitor da Universidade de Lisboa, Prof. Doutor Rogério Gaspar,

representando o seu Reitor que, a simbolizar a criação em Lisboa da U.C., ofereceu a actuação do Coro Infantil da Universidade de Lisboa;

– à U.L. foi oferecido um estojo com 5 medalhas ilustrativas das tradições da U.C.;

– por seu turno, à U.C., na pessoa da sua Vice-Reitora Prof. Doutora Clara Almeida Santos, ficámos a dever o "Documentário dos 725 Anos da Universidade de Coimbra" que foi projectado e seguido de outro, de nossa responsabilidade - "Percurso Cronológico sobre a Vida Académica";

– também a Associação Académica de Coimbra colaborou, através da bulhosa e muito apreciada "Estudantina Universitária de Coimbra", que encantou durante o Coimbra d'Honra e, depois em cena, mostrou grande profissionalismo, quase a ofuscar a irreverência académica, seu lendário timbre;

– as Baladas da Despedida (de e de) colaram fundo no espírito coimbrão que dominava a sala, em jeito de despedida até 2016.

SEGUEM OS TESTEMUNHOS MAIS QUALIFICADOS:

"A comemoração dos 725 da Universidade de Coimbra é a comemoração da Universidade em Portugal. É o reavivar da visão do Rei D. Dinis de que nenhum país é próspero, nenhum país tem um futuro de bem-estar para os seus cidadãos, se não dispuser de conhecimento avançado. As universidades são o local por excelência onde esse conhecimento é preservado, transmitido e criado. Sendo esta de facto a comemoração do aniversário da Universidade Portuguesa, é um prazer

para a Universidade de Coimbra ter a companhia da Universidade de Lisboa, cidade onde a Universidade Portuguesa foi inicialmente criada e onde esteve sediada durante longos períodos.

João Gabriel Silva
Reitor da Universidade de Coimbra”.

“É com redobrado prazer que a Universidade de Lisboa se associa às comemorações de mais um aniversário da Universidade de Coimbra.

O papel fundamental para o desenvolvimento de Portugal que ambas as Universidades assumem, apesar da continuada incompreensão de muitos, é uma responsabilidade social e ética que ambas as Universidades partilham desde sempre.

A comunhão de objetivos e a parceria que em cada ano renovam com a Sociedade, tem igualmente manifestação pública na interação com as Associações de Antigos Alunos, instituições fundamentais no prolongamento na sociedade do trabalho continuado produzido e meio académico. As Universidades assumem continuamente a responsabilidade de serem motores de desenvolvimento económico, social e cultural mas também de prolongarem a sua missão de forma continuamente melhorada, fruto da informação transmitida e renovada por parte das suas Associações de Antigos Alunos.

É por isso que hoje estamos redobradamente satisfeitos por aqui estarmos, com uma Universidade irmã com quem partilhamos uma continuidade histórica comum, e com a sua Associação de Antigos Alunos, prolongamento natural da missão da Academia na sociedade e auxiliar precioso para a nossa melhoria contínua.

Rogério Gaspar
Vice-Reitor da Universidade de Lisboa

“Tomada da Bastilha 2015:
Um verdadeiro tempo de encontro(s)”
Nunca tinha estado numa comemoração da Tomada da Bastilha organizada

pela Associação dos Antigos Estudantes de Coimbra em Lisboa. Já tinha ouvido falar, claro. Da mobilização alcançada, do cuidado colocado nos pormenores, da programação do evento. Foi preciso a Universidade de Coimbra (UC) celebrar 725 anos para, pela primeira vez, tomar parte na iniciativa. Afinal, o mote escolhido pela UC para as comemorações tinha o seu quê de profético: Tempo de encontro(s).

Quando escolhemos este tema para o ano de 2015 pensámos em dizer o tempo da história como se diz o tempo do relógio. Afinal 725 anos pode dizer-se sete séculos e um quarto. Sete e um quarto seria, então, o tempo definido para uma série de encontros – com a história da UC, com o património recentemente classificado como sendo de interesse para toda a humanidade, com os países de língua oficial portuguesa que em 2015 comemoraram também os 40 anos das suas independências. Encontros com o passado e com o futuro, nessa mistura naturalmente paradoxal, mas nem por isso pouco verdadeira que é a essência da Universidade de Coimbra.

O encontro com os Antigos Estudantes de Coimbra em Lisboa foi uma metáfora condensada dos objetivos que pretendemos atingir com as comemorações dos 725 anos que, como disse várias vezes o nosso Reitor, não sendo um número muito redondo, é “suficientemente redondinho”. A noite no Salão Preto e Prata do Casino do Estoril começou com um momento cheio de futuro: o Coro Infantil da Universidade de Lisboa, extraordinário, ofereceu uma atuação muito comovente pois com tanto talento, energia e alegria contagiante à mostra, é fácil ter esperança e acreditar. Tudo isto para além do profundo simbolismo de ter o coro infantil de uma das irmãs novas da Universidade de Coimbra a abrir o espetáculo.

[Não resisto aqui a contar também que tive o grato privilégio de contar com a companhia do Senhor Vice-Reitor da Universidade de Lisboa, Doutor Rogério Gaspar, também ele antigo estudante e

professor da Universidade de Coimbra. As ligações entre instituições são feitas também de pessoas com os laços fortes que as unem.]

Seguiu a noite com uma encenação em que o tempo e a Universidade foram os protagonistas, numa peça para dois atores. De sublinhar que ambos passaram pelo Teatro dos Estudantes da Universidade de Coimbra e têm sido colaboradores assíduos da Semana Cultural da UC. Marta Félix e Ricardo Vaz Trindade encarnaram dois seniores que progressivamente foram ficando mais jovens, até chegar à primeira idade, sempre com a história da Universidade como pano de fundo. O tempo começou a contar outra vez após esta atuação, já sem atores de carne e osso, mas com protagonistas na tela do Casino do Estoril. Assistimos ao excerto do documentário produzido pela UCV – televisão da UC – no âmbito das comemorações dos 725 anos. Trata-se de 17 pequenas histórias que ilustram os 17 argumentos que estão na base da classificação da Universidade de Coimbra, Alta e Sofia, como Património Mundial da UNESCO. Desde a excecionalidade da Biblioteca Joanina exemplificada pela descrição do que acontece quando as luzes se apagam e uma colónia de morcegos se encarrega de eliminar os insetos que destruiriam os livros, até à descrição da ocupação romana e islâmica do espaço onde depois se ergue um palácio real desde o século XVI ocupado pela Universidade. Uma exibição em antestreia, já que o documentário só haveria de ser exibido na íntegra alguns dias depois na RTP.

A noite de cumplicidades e de surpresas foi, para mim, uma revelação. Só me resta agradecer à Direção da Associação dos Antigos Estudantes de Coimbra em Lisboa todo o trabalho colocado no evento e ter-me desafiado a escrever este texto que me fez reviver, desta maneira escrita, os bons momentos passados

Clara Almeida Santos
Vice-Reitora da Universidade de Coimbra

LÁ FORA

VIAGEM AOS BALCÃS

CROÁCIA, MONTENEGRO, ALBÂNIA, MACEDÓNIA, SÉRVIA

DE 13 A 22 DE SETEMBRO DE 2015

Por Maria Guerra Prazeres



... junto à fonte Grande de Onofrio em Dubrovnik

De novo se reuniram no aeroporto 36 colegas e amigos a fim de viajarem até aos Balcãs, sendo acompanhados pela Sandra Lains da *Lusanova*. O voo da *Lufthansa*, com escala em Frankfurt deixou-nos em **Dubrovnik**, onde a guia Nina e o motorista Allen nos aguardavam para nos conduzirem ao *Hotel Grand Park*.

Dubrovnik é hoje uma das cidades da Croácia, país independente desde 1991, que engloba ainda 1 200 ilhas, mas em que apenas 67 são habitadas. Tem uma superfície de 60 000 km² e uma população de 4,3 milhões de habitantes.

Chamada a "Pérola do Adriático", Património da Humanidade desde 1979, tem como ex-libris as muralhas imponentes e bem conservadas, numa extensão de 2 km, com torres circulares e quadrangulares, uma grande fortaleza e também a sua arquitectura medieval, renascentista e barroca.

Atravessando uma ponte de pedra (séc. XV) entramos pela *Porta Pile*, um dos extremos da Placa (passeio público), avistando-se no cimo uma estátua de S. Brás, padroeiro da cidade, bispo do séc. IV da antiga Arménia. Reza a história que salvou uma criança de morrer sufocada por uma espinha atravessada na garganta.

Da Praça Pile descortina-se a fortaleza de S. Lourenço e a fortaleza Bokar (circular), construída para proteger a Porta Pile.

Para se sentir e apreciar a beleza de Dubrovnik caminhamos ao encontro dos seus monumentos, como a *Igreja de S. Salvador*, renascentista (começo do séc. XVI), destinada apenas a concertos. São nítidos os vestígios das balas, deixados pelos sérvios e montenegrinos, durante os combates contra a Croácia.

Seguiu-se a visita ao *Convento dos Franciscanos*, obra do séc. XIV, muito danificado pelo sismo de 1667, embora

ainda se mantenham elementos românicos e góticos. Os franciscanos montaram aqui uma farmácia (a 3ª mais antiga da Europa), podendo ver-se uma foto do abade que possuía o diploma, o livro com o nome dos medicamentos e preços, do séc. XVIII. Das peças do *Museu*, que também aqui funciona, destacam-se os relicários, como a cabeça de Sta Úrsula (pureza das mulheres), braços de S. Lourenço e S. Sérgio e uma secção de ourivesaria. Entretanto alcançamos a *Fonte Grande de Onofrio*, obra da primeira metade do séc. XV, interdita aos judeus. Visitámos a *Catedral da Assunção da Virgem*, estilo barroco, construída após o sismo de 1667. Neste local existiram uma igreja bizantina (séc. VI) e outra do séc. XII.

No altar-mor é de realçar uma pintura de Ticiano e relicários de S. Brás e S. Nicolau, com 3 maçãs douradas, para caracterizar o santo dos presentes.

Em seguida surgiu o *Palácio do Reitor*, antiga residência oficial do reitor, a figura política da antiga república, edificado nos meados do séc. XV, em estilo gótico e renascentista, com algumas adições barrocas. O seu mandato era apenas de 30 dias. Actualmente alberga o Departamento de História do Museu de Dubrovnik.

No salão de recepção aos diplomatas encontram-se retratos dos senadores importantes e uma liteira "brasonada", do séc. XIII.

Outras salas contêm pinturas dos séc.

XVII e XVIII, referindo-se uma tela que representa o baptismo de Jesus no rio Jordão.

Após o almoço no restaurante Mimosa, visitámos a *Igreja de S. Brás*, substituída da anterior, destruída por um incêndio, tendo-se no entanto conservado alguns tesouros, como as relíquias de S. Brás.

Ao 3º dia de viagem saímos em direcção a Montenegro.

Montenegro

Este país de apenas 13 000 km² e 60 000 habitantes, de elevadas montanhas que descem abruptamente sobre o mar, é independente da Sérvia desde 2006. É uma república com a sua capital em Podgorica. O seu nome advém dos muitos pinheiros escuros, que parecem negros no cimo das altas montanhas (altura máxima de 2 500 m). Tranquilamente atravessámos as fronteiras e seguimos para **Kotor**, cidade situada no fim de uma estreita baía, fazendo lembrar um fiorde. Com a guia Vieira e mapa na mão, iniciámos a visita a esta pequena cidade, que conserva 3 portas e 4 km de muralhas, construídas durante a época veneziana, a 260 m de altura.

É uma cidade muito antiga, já habitada no séc. IV aC e no séc. I pelos romanos. A sua melhor época data da ocupação veneziana (séc. XIV – XVIII), em que se construíram muitos palácios e monumentos. A principal entrada, a *Porta do Mar*, ostenta 3 bandeiras hasteadas, da Unesco, Montenegro e da cidade, esta com a torre do relógio, leão com as armas de Veneza e S. Trifone (padroeiro).

Na *Praça das Armas*, a maior praça, existem o *Teatro Napolitano*, a *Torre do Relógio* e o *Palácio Boskuja* (séc. XV – XVIII), com armas de Veneza. Noutra praça ergue-se a *Catedral de S. Trifone*, o padroeiro nascido na Turquia (séc. IV) e morto pelos romanos. Aqui se abrigam o túmulo do mecenas desta igreja e as relíquias de S. Trifone, vindas da Turquia no séc. IX.

Budva, outra cidade visitada, mais pequena que Kotor, eleva-se sobre uma ilha, ligada ao continente. É a capital do turismo montenegrino, com os 11 km de praias de areia branca e também preta.

Visitámos o núcleo antigo da cidade, destruído pelo terramoto de 1979, mas agora totalmente reconstruído.

Entrando pela *Porta Avala* passámos por várias igrejas, como a *Igreja da Santíssima Trindade*, ortodoxa, do séc. XVI, mas com o seu interior moderno e muitos frescos.

Subimos à *Cidadela*, local onde se situa a *Biblioteca*, que aloja a maioria dos livros do tempo do Tito e da Jugoslávia.

Concluimos a visita com a entrada na *Igreja de S. João Baptista*, católica, outrora catedral.

Novo dia surgiu, rumo à Albânia, tendo o autocarro seguido junto à costa de Montenegro, com um percurso sinuoso, sem agricultura, mas com montanhas verdejantes, aparecendo também várias praias de areia preta até à entrada na Albânia.

Albânia

É um pequeno país, com uma superfície de cerca de 29 000 km², montanhoso e com uma população de 3,6 milhões de habitantes, sendo a maioria muçulmana, 20% de ortodoxos e 10% de católicos.

Em **Shkodra**, uma das mais antigas e históricas cidades do país, junto ao lago Shkodra, estava Edlira, a guia local.

Habitada desde a Antiguidade, torna-se a capital do reino ilírico, em 181 dC. Durante o séc. II, a cidadela foi o centro das lutas entre os ilírios e os romanos. Em 1396 a cidade é dominada pela República de Veneza, que faz a reconstrução da cidade, mas após a ocupação otomana cai em decadência progressiva.

Subimos à *Cidadela* (Rozafa), construída numa colina rochosa a 130 m de altitude, cercada pelos rios Buna, Drini e Kiri e que se estende por uma superfície de 9 hectares. O seu interior, rico em galerias murais e passagens secretas é constituído por 3 grandes pátios, separados entre si por recintos ameados.

No 2º pátio encontram-se as ruínas de Sto Estêvão (séc. XIII), enquanto o 3º pátio se destinava à residência do governador. Digna de realce a soberba paisagem resultante da confluência dos rios Drini e Buna.

Abaixo da cidadela vislumbra-se uma mesquita abandonada “a mesquita de chumbo”, assim apelidada devido à cor das suas cúpulas, cobertas de chumbo. Foi construída segundo o modelo da Mesquita Azul de Istambul.

A viagem prosseguiu até **Kruje**, a primeira capital durante a Idade Média. A visita iniciou-se pela *Cidadela*, situada no final da rua do velho mercado (Pazar) e edificada no séc. IV e V.

Durante o séc. XV, a cidade foi o centro dos acontecimentos ligados ao herói nacional dos albaneses Gjergj Kastriot Skanderbeg, que conquistou a cidadela aos otomanos após três invasões.

Precisamente na entrada da fortaleza situa-se o *Museu de Skanderbeg*, inaugurado em 1982, um memorial em honra do herói e onde se abrigam muitos elementos que ilustram a história da guerra com os otomanos. O nome Skanderbeg, dado pelos turcos, significava na sua língua “parecido com Alexandre Magno”.

A viagem continuou até **Tirana**, capital da Albânia, que visitámos ao 5º dia. Fundada em 1614 a partir de uma fortaleza bizantina, erigida no sopé da montanha Dajti (1612 m), tem uma população de 800 000 habitantes. O *Museu Nacional de História*, inaugurado em 1981, apresenta na sua fachada um painel a relembrar os 2 400 anos de história do país. À entrada surge um mapa antigo, representando as antigas cidades, sendo Durres a mais importante (Apolónia dos Ilírios). Há a salientar obras como uma cabeça de Apolo, em que de frente é mulher e de lado é homem (séc. IV aC), mosaico elaborado com pedras do rio de Durres (séc. IV aC). A parte medieval é a mais importante com ícones dos séc. XVI e XVII, onde se encontra o epitáfio de Gllavenica, um tecido riquíssimo com ouro, prata e seda, datando de 1373. Representa Cristo crucificado com a coroa de espinhos contornada de inscrições gregas.

Fomos até **Durres**, fundada entre os séc. XI e VIII aC pelas populações proto-ilíricas. Aqui se fundou em 627 aC a mais importante colónia grega na Albânia. Em 1913 (Março), Durres torna-se a capital albanesa, mas apenas por um período

de 6 meses. No espaço de 9 séculos a cidade sofreu 33 domínios estrangeiros. Começamos a visita pelo que resta das muralhas bizantinas e pelo *Anfiteatro*, situado no centro da cidade. Hoje apenas metade está à superfície, com as escadas das galerias e os dois balcões.

De forma elíptica é único no país, sendo descoberto em 1969, após sismos e é semelhante ao de Pompeia. Tem 61 m de comprimento, 132 m de largura e 20 m de altura. A sua construção data dos séc. I e II dC e podia acolher 15 000 pessoas.

No séc. VII caiu em desuso e a arena foi transformada em cemitério e uma das galerias em igreja, decorada com frescos e mosaicos, que representa a primeira comunidade cristã da cidade e o primeiro mártir cristão da Albânia – S. Asteio.

Depois do almoço e regresso a **Tirana**, visitamos a parte restante e programada da cidade, cuja panorâmica abrangeu a Ópera, a Praça Skanderbeg, que ostenta a estátua equestre, de bronze (1968) do herói nacional, em substituição da estátua e Praça de Estaline.

Seguiu-se o Parlamento, a Catedral católica de S. Pedro, o antigo Palácio dos Congressos e o Palácio Presidencial. Num jardim pudemos observar um bunker nuclear, uma estrutura de ferro e cimento que aguentava uma bomba de 50 kg e apenas servia de refúgio a 2 pessoas.

Até a casa do ditador Enver Hexha, nascido em 1908 no sul do país, participante na guerra civil espanhola e na II guerra mundial foi digna de observação, assim como o centro de espionagem albanês, situado em frente da catedral ortodoxa, que mereceu a nossa visita.

É a *Catedral da Ressurreição de Cristo*, reconstruída após a sua destruição em 1967 pelo regime comunista e totalmente financiada pela Grécia. A sua arquitectura é uma mistura das 3 religiões (católica, ortodoxa e muçulmana).

A torre do sino de 46 m de altura, é composta por 4 velas pascais, que simbolizam os 4 evangelistas que proclamam a ressurreição.

Esta cruz e as cadeiras são próprias da religião católica, a cúpula da religião muçulmana e os ícones são a beleza da reli-

gião ortodoxa. Tem ícones de grandes dimensões, como o de Cristo Pantocrático, o da Virgem Maria e um que representa a ressurreição.

Ao 6º dia, em direcção à Macedónia, viajamos por um percurso sinuoso, de montes e vales, também auto-estradas e paisagem agrícola, com campos de milho e cones de palha enfeitados no cimo, originando um aspecto estético interessante...

A passagem das duas fronteiras foi calma e assim entramos na Macedónia.

Macedónia

A sua superfície é de 25 713 km², com uma população de 2,5 milhões de habitantes, com homens e mulheres em número semelhante e em que 65% são ortodoxos, 25% são muçulmanos e 3% são católicos, além de outras raças e religiões. Junto ao *Lago Ohrid* esperava-nos a guia Helena, também professora de castelhano e italiano. Por cima do lago eleva-se o cume da montanha e o Parque Nacional de Galitchiza a 693 m de altitude.

A primeira visita incidiu no *Complexo do Mosteiro de S. Naum*, nome do santo medieval do séc. X, construído sobre uma falésia abrupta, acima do lago, que oferece uma panorâmica magnífica com as montanhas e a água cristalina. A igreja é muito valiosa, contém frescos que contam a vida do santo. Este fez o milagre, durante um incêndio, impedindo que o fogo atingisse a igreja, apenas chamuscando a porta, que pudemos observar. No interior há belos ícones dos séculos XVI ao XVIII, entre eles o de S. Clemente, o padroeiro da cidade de Ohrid. De referir as pinturas de S. Cirilo, um dos criadores do alfabeto cirílico (metade do séc. XIV), juntamente com o seu irmão Methody e também o túmulo do santo e os seus milagres.

Após o almoço iniciamos a visita à cidade de **Ohrid**, Património da Humanidade, com uma população de 60 000 habitantes. É a cidade das 365 igrejas, em que se realça a *Igreja de S.ta Sofia* (sabedoria), bizantina, do séc. XI. É uma igreja ortodoxa e católica, o mais célebre monumento medieval da Macedónia, com frescos magníficos. No país não existe outra igreja S.ta Sofia.

Durante o trajecto até ao barco que nos levou a passear no *Lago Ohrid*, descortinamos no cimo da colina a *fortaleza de Samuil*, uma das sedes oficiais do primeiro estado eslavo macedónico e que mais tarde se tornou um símbolo de Ohrid.

O *Lago Ohrid*, Património da Natureza desde 1979, tem 2 milhões de anos, uma superfície de 367 km² e é o mais profundo da Europa (286 m), com água límpida e transparente.

Do barco e ao longo do passeio avistaram-se as igrejas de S. Clemente e de S.ta Cruz. À noite, o jantar num restaurante local foi excelente, com uma menção honrosa para o ambiente alegre e divertido, proporcionado pelo conjunto musical, que nos ofereceu música dos nossos velhos tempos...

E, claro, a Fátima como presidente e amante da bela música abriu, solenemente, o baile com o Pires Cabral, a que se associaram muitos colegas. A folia terminou com a Coimbra e o FRA do costume.

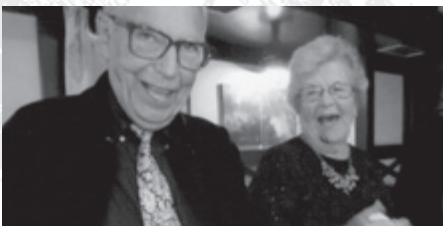
No dia seguinte outra etapa a caminho do *Parque Nacional de Mavrovo*, a maior área protegida do país e uma concorrida estância de esqui, passando por uma fantástica paisagem de vales e picos acima dos 2 000 m. A auto-estrada Madre Teresa levou-nos a **Skopje**, a capital do país desde 1991 e a terra natal de Madre Teresa de Calcutá.

À entrada da cidade, deparamos com a estátua de Skanderbeg, o herói nacional e pouco depois a guia Oliveira que nos conduziu ao restaurante *Sofra*, antigo caravansarai do séc. XVI. Com o estômago "aconchegado", iniciou-se a visita à cidade e ao atravessar o rio Vardar, o maior da Macedónia, que divide o país em este e oeste, caminhamos nas ruas do *Velho Bazar*, o maior do império otomano. Perto encontram-se as mesquitas e os banhos turcos. Visitamos a Igreja de S. *Salvador*, do séc. XVIII, que no altar principal apresenta belos ícones de 10 m de comprimento e 7 m de altura, retratando na 1ª zona, a vida de Nossa Senhora, Jesus Cristo e o sacrifício de Abraão. Já na 2ª zona horizontal surgem cenas da Bíblia, como a dança de Salomé e a de-

capitação de João Baptista. É uma grandiosa obra de talha, em que a madeira é apenas trabalhada com cinzel e nunca usando cola. Os 3 artesãos que trabalharam nesta obra também têm ícones representativos.

A *Ponte de Pedra*, construída pelos turcos no séc. XV, liga a Praça da Macedónia e o Velho Bazar, é um símbolo da cidade por reunir a parte moderna e a parte antiga. Assim se observaram o *Teatro Nacional*, *Museu da Luta Macedónica*, *Museu Arqueológico* e vários edifícios de empresas e bancos, que foram construídos após o sismo de 1963. Também a casa de Madre Teresa, filha de albaneses católicos, que aqui viviam, ficou totalmente destruída, mas erigiram um memorial no local onde existia a igreja do Sagrado Coração de Jesus.

Ao jantar festejámos o aniversário de casamento do casal Ferreira Pinto, que sempre sorridente, recebeu as felicitações dos colegas e as lembranças habituais nestas ocasiões.



... noivos de há 60 anos – Skopje na Macedónia

O 8º dia trouxe-nos um despertar cedíssimo, mas a mesquita já se tinha antecipado ao chamar para a primeira oração... E ao pequeno-almoço também houve antecipação dos japoneses, que ao aparecerem no nosso horário, nos deixaram sem pratos, chávenas, copos, tudo!... Seguindo viagem alcançámos sem problemas o nosso último destino, a Sérvia.

Sérvia

País independente desde 2006, altura em que o Montenegro se separou, tem uma população de 7,3 milhões de habitantes, sem o Kosovo.

A sua população é constituída por 78% de cristãos, em especial ortodoxos, sendo os croatas e húngaros a população católica. A viagem prosseguiu até Nis, terra natal do imperador romano Constantino, o

Grande (séc. III), que deve o seu nome ao rio Nisava, que atravessa a cidade, mas nasce na Bulgária.

Da visita panorâmica salientam-se o Palácio da Justiça, o Tribunal, Teatro, Cemitério cristão, Igreja de S. Constantino e S.ta Helena.

Coube-nos visitar a *Torre dos Crânios*, única no mundo, com crânios no exterior e uma imensidão no seu interior. Durante a primeira rebelião sérvia, em 1809, os sérvios tentaram libertar-se dos turcos, mas foram vencidos. Há aqui 925 crânios organizados, segundo filas, havendo 14/15 crânios em cada fila.

Finalmente em **Belgrado**, capital da Sérvia, com uma população de 1,5 milhões de habitantes, chegámos ao penúltimo dia da viagem. A guia Nina apresentou-nos a *Praça da República* com os seus edifícios fantásticos, de uma arquitectura única como o Teatro Nacional, o monumento Karadjorde (comandante da rebelião sérvia contra os turcos). Digna de realce a *Fortaleza de Kalemegdan*, construída pelos romanos, mas que durante o reinado de Stefano Lazarevic (1ª metade do séc. XV) ficou mais fortificada pelas muralhas, torres e fossos, por cima dos quais construíram as pontes levadiças.

Entrando na cidade alta pela porta do séc. XVIII, construída durante a ocupação austríaca, chegamos ao *Museu Militar*, antiga caserna austríaca, que retrata a história das guerras da Idade Média e as ocupações otomanas e austríacas. Entrámos no *Castelo*, mandado construir por Stefano Lazarevic, lugar onde vivia e também lugar de encontro dos espíritos cultos e artistas da época.

Deste local vê-se a confluência dos rios Sava e Danúbio, a ilha da guerra, um ponto estratégico nas conquistas e defesas de Belgrado e também um habitat para cerca de 200 espécies de aves.

Em Kalemegdan situa-se o verdadeiro símbolo da cidade, a grande escultura do *Vencedor Vitor*, transferida do centro da cidade em 1928 porque as senhoras não gostavam de ver um homem nu a ornamentar o centro da cidade!...

De autocarro, a visita panorâmica mostrou-nos a Biblioteca, as Belas Artes,

a taberna mais antiga, a Academia Sérvia. A praça principal detém o antigo Parlamento da Jugoslávia, a Câmara Municipal e o Banco Nacional. A *Catedral*, templo ortodoxo, dedicado a S. Sava ainda está em construção, por isso visitámos uma pequena igreja, com uma cúpula lindíssima e ícones deslumbrantes, onde se vislumbra ao centro o Anjo Miguel, à direita Cristo Pantocrático, S.to Estêvão e S. João Baptista e à esquerda a Virgem Maria e o Arcanjo Gabriel. Bem perto, os nossos olhos pousaram num ícone soberbo, de ouro, prata e pedras preciosas (1903) com 3 mãos da Nossa Senhora de La Passionata. A 3ª mão é a mão de Deus e mostra-nos o caminho da humanidade. O original encontra-se num mosteiro do Kosovo.

Novamente de autocarro e indo ao encontro do barco (local do almoço), passeámos pela cidade, que nos mostrou o Hospital de Belgrado, local da morte de 3 500 pessoas, vítimas do bombardeamento pela Nato em 1999.

Surgem também várias embaixadas, o museu de Tito, o centro de congressos, entrando-se finalmente no novo-Belgrado.

Enquanto decorria o almoço no barco íamos observando as belas panorâmicas da cidade, as várias ilhas espalhadas pelo rio, uma zona de construção de restaurantes, a que chamam "Belgrado da Água" e uma ponte pedonal.

Na rua do Príncipe Miguel, zona pedonal, as senhoras foram felizes ao contemplarem as montras e não só!...

A parte final do dia foi fértil e versátil em acontecimentos, culminando com um jantar de despedida, digno deste nome...

Chegou ao fim a nossa viagem aos Balcãs com um belo almoço no aeroporto, oferta da Lusanova.

Em avião da Lufthansa, com escala mínima em Munique, que apenas deu para uma pequena maratona até à porta de embarque do avião, aterrámos em Lisboa cerca das 21h30min.

E, assim, se concluiu mais uma viagem da nossa Associação, que nos vai permitindo conhecer o mundo, conviver e com a promessa de mais programas e viagens futuras. Até breve!...

CÁ DENTRO

PASSEIO DO OUTONO

A ELVAS E OLIVENÇA

DE 16 A 18 DE OUTUBRO DE 2015

Por Arlindo Lopes de Carvalho



foto do Grupo

Olivença e outro Património Raiano

Na manhã do dia 16 de Outubro 2015, concentrou-se um grupo de meia centena de expedicionários, no cais da cidade universitária de Lisboa, a fim de embarcar em veículo rodoviário de três eixos e seis rodados – de dimensão maior, proporcional à empresa a que o grupo se propunha. À hora prevista zarpou, então, qual Nau Catrineta terrestre da Associação dos Antigos Estudantes de Coimbra em Lisboa, tomando o rumo sudeste e com o objectivo de cumprir uma rota delineada, previamente. A guarnição completa incluía um comandante, um imediato e *uma gajeiro*, verdadeiramente grávida de esperança – esperança no bom êxito da “odisseia”

encetada e, certamente, de que viesse a ter uma “boa hora”, decorridos alguns dias.

Íamos, pois, em busca de planuras alentejanas e terras de Espanha. O desiderato da viagem era o reconhecimento de um importante património histórico-cultural, de marcos relevantes na memória colectiva e reveladores da alma portuguesa.

Fizemos uma primeira escala na Serra d'Ossa, para aconchego gástrico e, conseqüentemente, recuperação de energia para o itinerário que iríamos prosseguir. Esta paragem permitiu que o grupo, além de almoçar, pudesse apreciar um valioso espólio de azulejaria e outras peças de arte antigas, patentes no Convento de S. Paulo (sec. XII) que é património nacional classificado.

Retomou-se a rota, dirigindo-nos para Vila Viçosa, parte integrante do reino de Portugal desde 1217, data em que foi conquistada aos mouros; outrora, era denominada de Vale Viçoso, tendo o rei D. Afonso III, ao conceder-lhe foral em 1270, mudado o nome para Vila Viçosa. É sabido que a 1 de Dezembro de 1640, o oitavo Duque de Bragança foi aclamado rei de Portugal, depois de acabar com a dominação castelhana, vencendo a Guerra da Restauração. Em 1646, D. João IV, como primeiro rei da quarta dinastia, ofereceu a coroa real a Nossa Senhora da Conceição, em gesto de agradecimento pelo êxito militar e restauração da independência, declarando-a padroeira e rainha de Portugal; desde então, os reis deixaram de usar coroa. Visitámos o Solar da Padroeira em ati-

tude de preito e veneração; visitou-se, outrossim, o Museu da Caça instalado no castelo medieval mandado erigir por D. Dinis no século XIV.

Pena foi que não tivesse sido possível entrar no Paço Ducal, construído em 1502 para sede do Ducado de Bragança, que considerava Vila Viçosa sua parte integrante, desde 1461.

A etapa seguinte foi Elvas, onde acantonamos, sentindo-se o contingente expedicionário em segurança dentro da cidade-fortaleza. A construção das muralhas teve início no reinado de D. Sancho I e as fortificações decorreram entre os séculos XVII e XIX. Há vestígios arqueológicos do século X, mas o complexo abaluartado data da época da Restauração da Independência.

O sistema de fortificações militares de defesa foi projectado pelo jesuíta holandês, João Comander, incluindo o aqueduto da Amoreira erigido para que a resistência a cercos prolongados não fosse enfraquecida por carência de água. Integram, também, as linhas de defesa da fronteira, os fortes da Graça e o de Santa Luzia.

As muralhas, em forma de estrela e com um perímetro de nove quilómetros, aproximadamente, têm dentro das suas grossíssimas paredes, áreas amplas que foram casernas, hoje adaptadas a espaços museológicos; a sua enorme espessura e a obliquidade com que foram construídas tinham o intuito de oferecer maior resistência às arremetidas de inimigos ou invasores. Elvas foi, por tudo isto, cognominada de rainha/guardiã raiana e todo este conjunto de fortificações militares abaluartadas mereceu a classificação de PATRIMÓNIO MUNDIAL DA HUMANIDADE – decisão da UNESCO, datada de 30 de Junho de 2012.

Mas, esta zona geográfica teve diferentes povoadores ou ocupantes, ao longo da História – os Godos, os Celtas, os Romanos que foram, aliás, os padrinhos da cidade ao dar-lhe o nome de Helvas. Mais tarde, vieram os Árabes que conquistaram esta região no ano de 714 e permaneceram durante quatro séculos e meio; em 1166, conquistou-a aos

mouros que vieram a recuperá-la algum tempo depois. Posteriormente, em 1229, ocorreu a sua reconquista aos sarracenos e integração no território português, já no reinado de D. Sancho II.

A borrasca que, entretanto, se abateu (Sábado, dia 17 Out.) sobre Elvas e arredores prejudicou, sobremaneira, a visita aos monumentos históricos, que valerá a pena visitar, sem intempéries. Contudo, aproveitaram-se as estiadas para conhecer alguma coisa e com o pormenor possível. Entre outros, destaca-se o Convento de S. Domingos, fundado a 20 Fev. 1267, por ordem de D. Afonso III; o local escolhido foi o da sepultura dos cristãos mortos na refrega com os sarracenos. No interior do templo, desperta particular curiosidade

uma figuração insólita/inusitada – um canídeo sobre uma peanha, ao lado da imagem de S. Domingos, tendo o animal um “papiro” na boca.

É claro que logo se procurou a decifração daquele conjunto simbólico; questionou-se, então, o cicerone e este encontrou uma explicação, relativamente estruturada – mesmo a ponto de relacionar com a designação da própria Ordem Dominicana – que poderá ter alguma veracidade e não ser mero devaneio que, por vezes, acomete alguns guias turísticos. Na versão que apresentou, o cão será um veículo de mensagem cristã escrita no “pergaminho” e esta espécie animal estar ligada aos Dominicanos, intrinsecamente; ser como que um auxiliar na catequização



Muralha em forma de estrela e aqueduto



Igreja/forte de Nª Srª da Boa Nova

e o nome de Dominicanos relacionar-se ou derivar da expressão latina *dominis canis*.

A intempérie, todavia, mantinha-se e fez com que a guarnição da Nau Catrineta decidisse deitar sortes à prossecução da aventura e continuidade ou não até Olivença, quicá o desígnio da maioria que se alistou na expedição. Havia, de facto, alguns discípulos ou adeptos da arenga do Velho do Restelo que viam o Guadiana como o rio das tormentas, de cuja água poderia emergir o Mostrengo; outros alvitravam para a inversão de marcha no sentido de Lisboa, pois vislumbravam a presença do Adamastor, por entre as nuvens negras e acasteladas lá para as bandas do rio e outros, ainda, achavam que não mereceria a pena arrostar com a tempestade, já que o velho rifão diz que de Espanha, nem bom vento nem bom casamento e, por isso, não tinham esperança de melhoria das condições meteorológicas.

Venceu a vontade indómita da maioria, caldeada na *Alma Mater* coimbrã, não alterando a rota pré-estabelecida. E lá fomos na manhã seguinte, rumo a Olivença.

O rio Guadiana que parecia das tormentas, na véspera, passou a ser da Boa Esperança. Havia, entre os expedicionários, uma certa curiosidade em conhecer uma localidade de soberania mal definida, ou até alguma vontade íntima de por termo à ambiguidade do estatuto de Olivença, quase imbuídos de ânimo libertador. Na verdade, Olivença é portuguesa *de jure*, continuando na posse de Espanha, de facto.

No reinado de Carlos IV de Espanha, em conluio com Napoleão Bonaparte, houve invasão e tomada das praças de Olivença, Juromenha e outras do Alto Alentejo, aquando da designada Guerra das Laranjas. Portugal foi coagido, nessa época, a assinar o Tratado de Badajoz (Junho 1801) cedendo a soberania sobre Olivença. Apesar de mais tarde, este tratado ter sido considerado nulo, tendo em atenção que Portugal não manifestou a sua vontade em plena liberdade; apesar de, em Setembro de 1814,

o Congresso de Viena ter sublinhado a caducidade do Tratado de Badajoz, com retrocessão dos territórios em causa para Portugal e de Espanha ter ratificado a Acta Final desse congresso, em 7 de Maio 1817, a efectiva devolução a Portugal não se verificou. Parece haver a intenção de traçar a nova linha da raia, pelo acidente natural que é o rio Guadiana, esquecendo que Olivença era já Portuguesa, através do Tratado de Alcanizes (1297).

É, portanto, arrastada na História a questão de Olivença, continuando num certo limbo e sem afectar as relações luso-espanholas. Mais recentemente, o pragmatismo das autarquias raianas de ambos os lados, tem pontificado e estabelecido acordos de cooperação (2008), promovendo uma euro-região para melhor velar pelos interesses socio-económicos das populações, esquecendo rivalidades e despiques.



Dois dos principais protagonistas da GESTA DE RECONQUISTA DE OLIVENÇA. É patente o seu semblante de felicidade, vencidas as provações / intempéries. Note-se, igualmente, a toponímia que demonstrará para a história a portugalidade permanente...

A expedição entrou, assim, na praça sem terçar armas com os oliventinos, em atitude de prospecção do património histórico, arquitectónico muito interessante e com manifestas e variadas marcas de portugalidade, desde o característico estilo manuelino, até a toponímia bilingue. De tudo que visitámos, devemos destacar a Igreja de Sta. Maria Madalena (séc. XVI) como marca

padrão portuguesa e, particularmente a sua arquitectura interior, onde o enorme claustro e suas colunas quase deixaram o grupo extasiado. Será justa uma palavra de reconhecimento ao Cura da igreja por ter franqueado a porta e conseqüente entrada.

O percurso pelas ruas revestiu-se de muito interesse, acompanhados por guia que fez questão de evidenciar o seu "código genético", oriundo da região de Aveiro - observámos o legado português, ao mesmo tempo que vimos patenteado nas ruas algum "salero" espanhol.

Ao fim da manhã de Domingo o homem do leme rodou-o 180°, iniciando o regresso a Elvas, onde faríamos escala de reabastecimento/almoço.

O objectivo seguinte era Juromenha, já no rumo noroeste e rota de Lisboa. Esta praça foi conquistada aos mouros pelas forças de Geraldo Geraldês "Sem Pavor", em 1167 e no reinado de D. Afonso Henriques; mais tarde, foi doada à Ordem de Avis por D. Sancho I, deixando de integrar o Califado de Córdova. Teve importância como sentinela do rio Guadiana e foi palco das bodas reais de D. Afonso IV com D. Beatriz de Castela (28 de Agosto 1492), bem como aqui casaram Afonso XI de Castela e D. Maria de Portugal.

No santuário de N. Senhora da Boa Nova, peça rara da arquitectura religiosa (igreja-fortaleza) assistimos a uma oração - não de graças pelo êxito da expedição, mas quase de sapiência - em que ouvimos versões com algumas diferenças, relativamente a factos históricos ou sua interpretação, relacionados com Juromenha. A um dos oradores, membro da guarnição da Nau Catrineta, reconheciam-se já as qualidades de cultor da tradição académica coimbrã, mas desconhecia-se esta faceta de interessado por pormenores da História de Portugal.

E lá prosseguiu a Nau Catrineta da Associação dos Antigos Estudantes de Coimbra em Lisboa rumo à cidade de onde partira, trazendo algo que contar. Estava o dia a findar e ela em Entrecampos a varar.

VALEU A PENA.

MAGUSTO DO S. MARTINHO

Como sempre – e no consagrado dia 11 de Novembro – decorreu na Sede um convívio especial e muito concorrido (48 participantes) e animado com poesias e Serenata de Coimbra, após o conforto para o corpo proporcionado pelos característicos petiscos, castanhas e jeropiga.

ALMOÇO DE NATAL

NATAL MAIS ESPIRITUAL E GLOBAL
No Natal de 2015, mesmo os mais distraídos, somos constantemente interpellados pela realidade e notícias que nos invadem, ferem e atormentam, quanto a guerras, terrorismos e outras violências várias, desemprego, sem-abrigo, refugiados, deslocados, egoísmo, ganância, consumismo, hedonismo, corrupção, etc. Perante este vendaval haverá alternativas? Penso que sim, com optimismo realista e esperançoso, indispensável cimento construtor de futuro mais promissor e feliz.

Sublinhe-se que há imenso bem diariamente praticado, o qual fica injustamente escondido perante a torrente de desgraças que nos fazem saber. Proponho, em primeiro lugar, que na Comunicação Social sejam estipuladas uma espécie de quotas de paridade de boas e más notícias, pois está cientificamente provado que o bem, de que todos tanto necessitamos, é contagioso.

Estamos, na alvorada de 2016, sem dúvida em época de urgentíssimas e decisivas escolhas para a civilização ocidental, urgindo que o espírito de Natal se torne mais espiritual e global.

É interessante abordarmos dois notáveis e polifacetados pensadores contemporâneos, um português e outro francês, ambos agnósticos, António Sérgio (1883-1969) e André Malraux (1901-1976).

António Sérgio, com o seu racionalismo idealista, publicou em 1925 na "Seara Nova" um texto, mais tarde incluído no volume VI dos "Ensaio", com o título "Diante de um Presépio", onde escreveu: "Deus - e não um deus, mas Deus, - vê-se

hoje na figura de um menino pobre, deitado e risonho sobre a palha humilde"; é um símbolo onde "palpita oculta" ... " a ideia humana superior e eterna": a de que acima do poder de qualquer César está a "grandeza espiritual estreme", enquanto "Forma pura, amplíssima caridade, aspiração sem termo... Entendei o Presépio, ó irmãos que o adorais: Deus é um menino, um menino é Deus!". António Sérgio passou a defender, nos últimos anos de vida, que o caminho do futuro deveria ser uma generalizada revolução verdadeiramente cristã, como testemunhei e conforme documentação que ele, meu Mestre e Tio-Avô, me ofereceu.

Da obra de Malraux, foquemo-nos agora apenas na sua profética frase "O século XXI será espiritual. Ou não será", que irrompe do texto "A propósito do século XXI", publicado em "L'Express" de 21 de Maio de 1955. Assim, este autor vaticinou, com extraordinária perspicácia e antecedência, a basilar vida espiritual para a nossa sobrevivência comum neste século XXI, centúria que quase logo se iniciou com os terríficos embates do 11 de Setembro de 2001 e da crise financeira de 2008.

É animador verificarmos que, da tão laicista França desde o século XVIII, surgiu, ainda em meados do século XX, esta chave espiritual de solução para o até agora já tão atribulado século XXI.

Anote-se que a Igreja Católica, sobretudo a partir do Concílio Vaticano II (1962-65) se abriu à compreensão ecuménica e inter-religiosa com judeus, islâmicos, etc., mas não basta uma abertura unilateral... Muito além da indispensável separação

dos poderes espiritual e temporal, em vários países tem soprado forte vento laicista, como se tal fosse caminho para o diálogo, a compreensão recíproca, a paz, quando acontece o contrário...Esta militância laicista pretende não só fazer desaparecer os símbolos cristãos e do Natal, mas também acabar com as festividades natalícias, substituindo-as até por comemorações pré-históricas, ou pré-romanas, do solstício de Inverno, em que é preponderante a exaltação da luz. Ignoram estes que nas romanas festas saturnais, que ocorriam também nesta época do ano, já havia o progresso civilizacional da defesa da igualdade social, tendo então nesses escassos dias os escravos o direito de comportar-se como se livres fossem, correspondendo ao arreigado desejo humano de liberdade e de igualdade, anseios cuja concretização sem dúvida avançou imenso com a vinda de Jesus Cristo.

Com o Cristianismo, e Cristo surge como a Luz do mundo, é defendida não só a igualdade social plena, mas o amor e a fraternidade entre todos os homens, o que constitui uma profunda revolução, que dois mil anos depois continua a sua difícilíssima caminhada, sendo os cristãos os maiores alvos de perseguições, com o maior número de mártires, neste ainda nascente século XXI.

Muitas vezes não se repara que dos ideais de Liberdade, Igualdade e Fraternidade proclamados no final do século XVIII pela Revolução Francesa, o ideal também cristão da fraternidade é aquele que ainda hoje mais tarda em ser atingido.

Na ânsia de também secundarizar o espírito de Natal, há muitos que enfatizam o

Pai Natal, esquecendo-se de que este tem origem em São Nicolau, bispo nascido na Turquia e falecido no século IV, em 6 de Dezembro, dia que é agora por vezes aproveitado para antecipar os festejos para os inícios do mês. Este santo, distinguido pela caridade e afinidade com as crianças, venerado pela Igreja Ortodoxa e pela Igreja Católica, padroeiro da Rússia, Grécia e da Noruega, é tradicionalmente celebrado por exemplo na Holanda, designadamente na multicultural cidade de Amesterdão. Deve-se salientar que, recentemente, foi declarado o falhanço da tão apregoadada moderna teoria do multiculturalismo, hoje em dia já disseminada por diversos países, a qual em vez de ter incrementado o diálogo, o amor, criou guetos de ódio, propiciadores até de violência extrema.

Mesmo para os não cristãos, Natal significa tempo de festa, envolta em bondade, em afectos, sobretudo para com as crianças e a família.

O que, nós cristãos, celebramos em concreto no Natal? Um Deus tão amigo do homem que, para responder às suas dúvidas e exigência de sentido da vida, lhe oferece o seu próprio Filho. "Assim, (escreve o Padre António Vaz Pinto) ao contemplar, no presépio, o Menino acabado de nascer, deixando de lado o folclore, os presentes, as rabanadas, as luzinhas, naquele Menino vemos a imagem surpreendente de um Deus, pequeno, pobre e humilde, o verdadeiro rosto do Amor. Quando levamos à séria este presente de Deus a cada um de nós, quando tomamos consciência de que Deus se fez homem para que o homem se fizesse Deus, então tudo se



Os aniversariantes



Grupo Serenata

torna diferente...Então, percebemos que o fundamental não é o ter mas o ser, que o que verdadeiramente conta não são as coisas, mas as relações. Temos de tirar o Menino Jesus do presépio para o pôr no centro do coração e no centro da vida. Então haverá Natal, então brotará a vida".

No entanto, mesmo na época do Natal encontramos-nos infelizmente ainda agora demasiadas vezes tão, tão longe do espírito de amor, fraternidade e paz que devia iluminar todos os corações e acções de todas as raças, etnias e cre-

dos, procurando criar um mundo unido, como Chiara Lubich (1920-2008), fundadora do católico Movimento dos Focolares, pregava de forma pioneira. O Papa Francisco inaugurou há dias o Ano da Misericórdia, que é também um convite a pormos de imediato em prática um Natal alargado.

Urge que todos os corações, não crentes e crentes de todos os credos, ponham em prática o amor recíproco, a favor de um permanente Natal, mais espiritual e global!

Matilde Sousa Franco

VISITAS LOCAIS

No 2º semestre de 2015 realizaram-se 2 visitas:

- Dia 29 de Setembro – no Museu do Design e da Moda (MUDE), à exposição "TAP Portugal – imagem de um povo";
- Dia 28 de Outubro – no Museu do Chiado/Museu Nacional de Arte Contemporânea à exposição "Narrativa de uma Colecção";

Inscrevam-se porque há *numerus clausus*; e não falem porque fica, quase sempre, alguém em "lista de espera"!

Apareçam sempre!



OS NOSSOS POETAS

CARLOS CARRANCA

Onde fica a minha pátria

a partir de um poema de Vinicius de Moraes

Se me perguntarem onde fica a minha pátria
eu direi em tudo que em mim convive:
nesse menino de bibe que pula nos meus joelhos
no cachimbo de meu pai fumado por voz ausente
nas ruas tristes nos gatos que se lamentam de vício
no candeeiro de esquina lançando sobras de gente
no cachorro que ali uiva e no mendigo
bebendo solidão de água ardente
no comboio que não passa tragado pelo progresso
na rua – casa ensombrada varada de sol
e cimento e desse olhar que em mim mora
como se fosse um caminho
mais o recreio da escola mais o corredor do colégio
o corrimão das escadas que davam para o alpendre
e a mão sentida na perna assim mesmo feminina
essa ternura que a vida sabe sentir mais urgente
que a hora em que se acorda
para outra vida diferente alcandorada na glória
de sermos bem sucedidos entre empresários gulosos
e meretrizes sem dentes e capitães de escritório
e abortadeiras cristãs de muitas e desvairadas gentes
que se atropelam de medo e se enfurecem
de serem eternamente ninguém e todo o mundo
onde às vezes nasce uma flor que se sente.
Se me perguntarem onde fica a minha pátria
eu direi entre esses livros que li e outros frequentaram
e que por eles se bateram em horas vivas horas raras.
Fica na voz de um poema salpicado de esperma
na doçura do silêncio na luz filtrada da tarde
onde outra luz se revela onde outra luz é mais vida.
Fica na chinela-varina dessa mulher que a usou
no ronronar da traineira nas redes que o mar ditou
p'ra que o futuro nos prenda a uma promessa maior.

(in "Com o cachimbo de meu pai", 2008)

O Êxtase de Santa Teresa de Ávila

de Bernini

Que anjo trespassou meu corpo iluminado?
Que luz é esta, que meus olhos se fecharam?
Que seta é esta, meu Deus, que me entontece?
Será o Demónio disfarçado?
Uma seta de vício e de pecado?
Ou hálito divino o que me aquece?

Que céu é este? E que desejos!...
Sentindo, eu vejo a Dor, eternamente.
E que doçura!... Talvez beijos...
Oh meu Deus, sois Vós o meu presente!
Vossa seta penetra entre meus seios
e a vontade desfalece de contente.

in "Ressurreição", 1992)

A um Cristo de barro

Olho o meu Cristo pousado sobre a mesa.
É de barro, eu sei, mas não parece.
Usa na cabeça um sinal que o enobrece,
o meu Cristo de barro e de tristeza.

Os braços, partiu-os ao descer
da parede onde estava pendurado.
São dois cotos expostos a meu lado,
duas ânsias vencidas de sofrer.

Olhos os seus olhos abertos, esgazeados.
Entram pelos meus como presságios.
Há neles o tremor dos condenados
e as súplicas que irrompem dos naufrágios.

É poeta, eu sei, pelos pecados
a que a vida o obrigou – fatalidade.
E é deus pelos sonhos procurados
e pelas horas recolhidas de verdade.

Todo o seu corpo em mim se reconhece.
Sou mortal, eu sei, não o mereço.
Mas deixo-lhe um verso em tom de prece:
- A ti Cristo de barro, eu me confesso!

(in "Pedras suspensas", 1996)



“A MINHA VIAGEM À ANTÁRCTIDA UMA AVENTURA INESQUECÍVEL”

DR.ª MARIA ELISABETE MOREIRA DE ALMEIDA

Licenciada em Química Orgânica e Bioquímica, pela Faculdade de Ciências de Lisboa (FCL);
Doutorada em Ciência dos Materiais, pela Faculdade de Ciências da Universidade de Coimbra (FCTUC);
Investigadora Coordenadora do INETI - Instituto Nacional de Engenharia, Tecnologia e Inovação

Visitar a ANTÁRCTIDA estava fora das minhas perspectivas. Tanto mais que, não existiam programas turísticos para tal destino que, desse modo, estava “vedado” à maioria dos mortais. Mas como “o Homem põe e Deus dispõe”, a dado momento da minha Vida Profissional, como Investigadora Científica, quiseram os meus parceiros de investigação que eu coordenasse um Projecto Internacional de Corrosão Atmosférica que, entre as suas 75 Estações de Ensaio, incluísse uma na Base Jubany, perdida na imensidão dos gelos antárcticos.

E foi assim que, com um representante dos restantes 15 Países da Ibero-América envolvidos no referido Projecto, nos juntámos todos num hotel de Buenos Aires, em Novembro de 1991, para encetar a nossa fantástica viagem ao Continente Antártico. Não sem primeiro nos terem sido pedidas duas coisas:

- 1) Que, ainda nos países de origem, preenchésemos um longo inquérito, em que só nos faltava pedir a cor dos olhos e dos cabelos!
- 2) Que levássemos connosco 2 bandeiras do nosso País, com medidas previamente estabelecidas

Já em Buenos Aires, fomos informados que íamos convidados pela Força Aérea Argentina e que não poderíamos levar para a Antártida nenhuma roupa para além da que levávamos no corpo, pelo que só necessitávamos de levar uma pequena bolsa (vulgo “necessaire”), nem dinheiro, pois lá, de nada valeria.

Assim, depois de saber um pouco do

imenso Continente Antártico, com os seus cerca de 14 milhões de quilómetros quadrados e distanciado mais de 900 quilómetros do Cabo mais a Sul do Continente Americano, partimos de Buenos Aires em plena madrugada, num avião Hércules 130, sem portas laterais, nem quaisquer forros interiores, instalados em bancos de lona pendurados do tecto e, a partir de um certo tempo, transidos de frio.

Para aprendermos a vestir as roupas antárcticas alugadas à Força Aérea Argentina, tivemos de fazer um curso na escala de Rio Galegos, em plena “Tierra del Fuego”, situada a cerca de meio caminho entre Buenos Aires e a Base Marâmbio na Antártida. A segunda parte da viagem (feita já com a Governadora da “Tierra del Fuego” que se deslocava com o seu séquito para fazer campanha eleitoral), foi gélida e ruidosa.

Já em Marâmbio, onde não se aterra, mas se anevisa, constatámos a existência de apenas duas casas; a Casa Grande (onde viviam os militares e se situavam todas as infraestruturas) e a Casa de Emergência, onde nos instalaram. Em tempos existiu apenas uma casa, mas tendo ocorrido nela um fogo, ninguém se salvou, pelo que depois deixou de ser permitida a existência de apenas uma casa por Base. Naquele “mar de gelo”, sem ruas, estradas e caminhos fáceis, não poderíamos ir a nenhuma pinguineira, pelo que os militares argentinos nos haviam trazido alguns pinguins de Adélia (altura máxima de 90cm) para, nos poucos momentos que o trabalho

científico nos deixava, podermos brincar um pouco com eles.

Depois de cerca de uma semana de árduo trabalho de análise e discussão dos resultados obtidos no último ano por todos os meus companheiros de viagem nos seus diversos países de origem, foi possível encontrar as condições atmosféricas indispensáveis, para podermos deslocar-nos num pequeno avião (a que chamámos Gafanhoto) até à Base Jubany, a muitos quilómetros dali, onde teríamos de ir trabalhar na Estação de Ensaio que nos levou à Antártida. Nesta viagem, em que o grupo de 15 teve de ser dividido em dois, tal a pequenez do “Gafanhoto”, como que vi a morte duas vezes.

A primeira quando o aviãozinho todo corroído tremia que nem “varas verdes” ao sabor dos ventos antárcticos, sobrevoando picos e vales de gelo tão belos como aterradores!

A segunda quando o nosso “gafanhoto” anevisou num glaciário em Jubany, onde nos deixou transidos de frio e agarrados uns aos outros em cima de um estrado de madeira. Estávamos então a 83 graus célcus negativos e não havia osso que nos não doesse, não obstante as nossas roupas Antárcticas!

Na realidade, o único carrinho da Base Jubany veio recolher-nos em 8 minutos. Se assim não tivesse sido, ali teríamos morrido de frio. Mas aquele “carrinho de lagartas” era tão diminuto, que não sendo possível pensar em deixar ali nenhum de nós, nele nos tivemos de acomodar todos como “sardinhas em lata”, uns com os pés para baixo, outros de pés para cima!

ALMA DE COIMBRA

Por Nuno Tavares



Um mês após a visita a Adis Abeba****, o Alma de Coimbra iniciou em 11 de Novembro, as celebrações do seu 10º aniversário - que se prolongarão pelo ano corrente, com um concerto no Casino Lisboa.

Uma sala que, afinal nos traz as recordações mais agradáveis - para o que muito contribui a generosidade e a estima do Presidente do Conselho de Administração do Grupo Estoril Sol, Dr. Mário Assis Ferreira, bem como a competência e a permanente atenção da Senhora Dra. Ana Catarino e de todos os seus

colaboradores. Aqui fica o nosso renovado agradecimento. Perante uma assistência numerosa, onde predominavam antigos estudantes da Lusa Atenas, o Coro dirigido pelo Maestro Augusto Mesquita - autor de todos os arranjos e harmonizações que executa - apresentou como é sua norma, um repertório de música exclusivamente portuguesa e/ou lusófona, primando pela qualidade da execução e pelo bom-gosto do alinhamento.

Vibrantemente aplaudido, brindou o público com diversos temas extra-programa.

O seu grupo de guitarras, constituído por o António José (Tó Zé) Moreira e o Ricardo Dias, na guitarra, e o Pedro Lopes, na viola (o grande Durval Moreirinhas, em recuperação de um inesperado acidente, "teve de" assistir na plateia...), igualmente brilhou a grande altura.

Foi, pois, mais um serão em que se lembrou o Espírito de Coimbra e a sua vocação universalista, levando, através da música, a sua mensagem ímpar aos 4 cantos do mundo.

Foi, pois, uma homenagem especial a Lisboa - em especial à Associação dos Antigos Estudantes de Coimbra em Lisboa e à Casa da Académica em Lisboa - que, mesmo nos anos difíceis do arranque do projecto sempre acolheu com exemplares companheirismo e amizade o Alma de Coimbra.

*** A convite da Representação Permanente da União Europeia e com o apoio (inexcedível) da Embaixada de Portugal - onde coube ao Alma de Coimbra o concerto de encerramento da "Semana da Europa, assinalando os 40 anos do estabelecimento formal de Relações de Cooperação e Desenvolvimento entre a UE e a África (e os 500 anos de relações diplomáticas entre Portugal e o Império da Abissínia)

FÁTIMA LENCASTRE, CONFREIRA DE HONRA DE "OS CONFRADES DA BRIOSA"

Por Joaquim Couto (Confrade Mor / Confrades da Briosa)

COIMBRA E BRIOSA, SEMPRE!

Um grupo de indefectíveis amigos e apaixonados da Briosa, dando seguimento a encontros regulares à mesa, decidiram fundar os "Confrades da Briosa", pretendendo desta forma cele-

brar Coimbra e a Briosa e incrementar, agora com maior abrangência, os laços de confraternização entre todos os que por Coimbra e pela Académica partilham paixão e vivências.

Os objectivos essenciais da Tertúlia

Académica "Confrades da Briosa" são a defesa do mundo académico de Coimbra, da sua Universidade e Academia. O seu património cultural, artístico e desportivo. E a defesa e divulgação dos seus saberes e sabores.

Recordar e viver a cultura e as tradições académicas de muitas gerações de estudantes e de toda uma Cidade cuja mística a BRIOSA é o expoente Maior!

Os "Confrades da Briososa" são espaço de encontro e tertúlia, de vivências e afectos, salvaguardando-se sempre os superiores interesses da Académica – a "nossa" querida Briososa! - o seu património e história, afirmação de uma instituição ímpar do panorama desportivo e cultural nacional.

Além de tertúlia académica, os "Confrades da Briososa" dedicam, de forma singular, especial atenção à gastronomia, numa interligação que se pretende perfeita, entre o convívio e o prazer da mesa e a cultura.

Os órgãos sociais dos "Confrades da Briososa" são o Conselho Directivo, o Conselho Fiscal e o Conselho Geral.

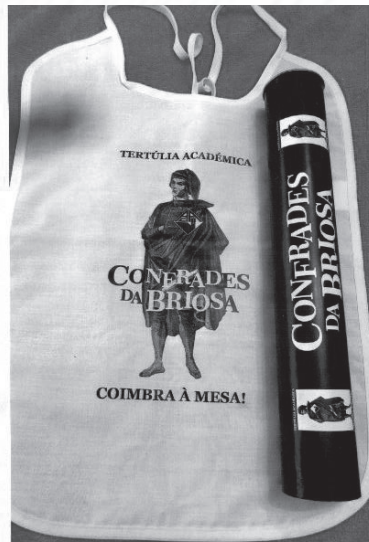
O Conselho Directivo é presidido pelo Confrade Mor, Joaquim Couto e integra três vice-presidentes: Manuel Marques Inácio, Álvaro Santos e José Fernandes Fraqueiro. O Conselho Fiscal é presidido por Alfredo da Conceição Ribeiro e o Conselho Geral é presidido pelo Confrade Juiz, João Castilho.

GRANDE BANQUETE.

Os "Confrades da Briososa" reúnem-se em "Grande Banquete" nos meses de Abril, Setembro e Dezembro e em "Banquete" nas primeiras quintas-feiras dos meses de Fevereiro, Junho e Outubro. O Conselho Geral reúne-se anualmente, no mês de Janeiro, competindo-lhe nomeadamente a aprovação das Contas e o Plano de Actividades. Refira-se que nos "Confrades da Briososa", de forma distintiva, não há lugar a pagamento de jóia ou quota.

As insígnias dos "Confrades da Briososa" são o Canudo e o Babete de uso obrigatório em todos os Banquetes.

Instrumento de referência no cerimonial é também o Chocalho que pontua as intervenções e far-se-á ouvir sempre que for necessário impor a ordem e o silêncio. Refira-se que o Chocalho dos Confrades é uma peça centenária, obra de arte, descoberta na Moura Morta pelo Confrade Álvaro Santos que o manipula



As insígnias dos "Confrades da Briososa" são o Canudo e o Babete de uso obrigatório em todos os Banquetes

com saber exímio e muita cagança.

No dia 10 de Dezembro de 2015, os "Confrades da Briososa" reuniram-se solenemente no seu 1º GRANDE BANQUETE, no restaurante "Coimbra Taberna", em Lisboa.

Foi uma jornada memorável de confraternização em que Coimbra, as suas tradições e irreverência estiveram presentes, contagiando os muitos associados da Casa da Académica de Lisboa e da Associação dos Antigos Estudantes de Coimbra em Lisboa e muitos amigos e simpatizantes da Briososa que lotaram até às costuras o simpático restaurante académico da baixa lisboeta.

De entre os participantes, assinalamos a presença dos presidentes das associações de antigos estudantes de Coimbra em Lisboa, no Porto e em Braga, respectivamente, Fátima Lencastre, Amaro Correia e Piedade Taveira e de Daniel Sanches, presidente da Assembleia Geral da Casa da Académica em Lisboa.

Das muitas mensagens recebidas, enaltecendo a iniciativa e lamentando a impossibilidade da presença, salientamos as dos indefectíveis académicos José Fernandes Fafe, Augusto Camacho Vieira, Nuno Tavares e António Almeida Santos. Marcou também presença Hélder Rodrigues, autor de "Coimbra. Cidade Universitária da Lusofonia", publicado recentemente e que constitui um hino de Coimbra para o Mundo.

Hélder Rodrigues falou sobre Coimbra, as suas gentes e património, acentuando que o seu livro são crónicas de afectos com pessoas dentro.

FÁTIMA LENCASTRE, CONFREIRA DE HONRA!

Momento alto desta reunião magna que constituiu segredo bem guardado e surpresa aplaudida, merecendo de Álvaro Santos forte chocalhada de regozijo, foi o anúncio da entronização de Fátima Lencastre como Confreira de Honra dos "Confrades da Briososa".

Esta justa distinção constitui o reconhecimento do seu enorme trabalho, entusiasmo e dedicação à frente dos destinos da Associação dos Antigos Estudantes de Coimbra em Lisboa e, paralelamente, pela permanente acção de aproximação da Associação à Universidade, às diversas instituições e organismos académicos e à Briososa e à Casa da Académica em Lisboa, em múltiplas parcerias e iniciativas, como referiu o Confrade Mor.

Fátima Lencastre recebeu no palco as insígnias dos Confrades da Briososa – Babete e Canudo – que lhe foram impostas pelo Confrade Juiz e pelo Confrade Mor, João Castilho e Joaquim Couto, na presença dos membros directivos dos Confrades. Visivelmente surpreendida, Fátima Lencastre agradeceu a distinção recebida, enalteceu a natureza e acção dos "Confrades da Briososa", salientando que Coimbra e as suas instituições devem constituir uma fonte de permanente união e partilha e que tem sido esta vivência que a tem norteado na associação a que preside há 21 anos.

As várias intervenções do Grande Banquete foram marcadas por grande fervor académico, resultante da animada confraternização entre todos os presentes. O "Lyso" Herculano Paixão Melo ofereceu o livro "A Real República dos Lysos no seu V Milénio" que acabou por ser disputado em renhido sorteio.

Joaquim Couto, Marques Inácio e João Castilho falaram dos "Confrades da Briososa", da sua natureza e índole congregadora, tendo sido realçado que os inúmeros académicos da Grande Lisboa

passam a ter, a partir de agora, um espaço mais de confraternização e vivência académica. Foi revelado ainda que está já em curso a criação de Núcleos dos “Confrades da Briosa” no Funchal, Guarda e Beja.

Para que conste como registo para memória futura, indica-se seguidamente a ementa que foi dada a degustar: Ossos de Coimbra, Croquetes de Alheira, Bacalhau Assado à Taberna, Mousse de Chocolate e Bolo-Rei, Café, Vinhos Branco e Tinto “Quinta do Cadão”, Água Mineral.

SÊ CONFRADE DA BRIOSA!

Como não podia deixar de ser, o Grande Banquete terminou com o Canto e a Música de Coimbra e assim será, sempre!

Actuou uma formação constituída por elementos dos Grupos Porta Férrea, Serenata de Coimbra e Serenata ao Luar. Nas guitarras estiveram o Teotónio Xavier, o Marques Inácio e, mais tar-



Fátima Lencastre foi entronizada Confreira de Honra dos “Confrades da Briosa” pelo trabalho que tem desenvolvido à frente dos destinos da AAACL, espaço de vivência do espírito, tradição e cultura da nossa Coimbra

de, juntou-se o Nuno Cadete. Nas violas, Soares da Costa e o Luís Martins. Cantaram João Tomé, Tito Costa Santos, Carlos Carranca e Marques Inácio. Por estar ainda em recuperação de uma queda, Camacho Vieira não participou no canto.

Terminamos esta crónica, referindo que o próximo “Grande Banquete” realiza-se no próximo dia 20 de Abril (4ª feira) em local a indicar; deixamos o nosso endereço (confradesdabriosa@gmail.com) e um académico convite: “Sê Confrade da Briosa”! Esperamos por ti!

NOTÍCIAS BREVES

01.

JANTAR ESPECIAL 2 & 3

Foi com entusiasmo redobrado que, em Julho (50) e em Outubro (40), associados e amigos se juntaram à mesa no *Coimbra Taberna* para confraternizar com os seus proprietários e com o “Grupo *Serenata ao Luar*”, todos nossos jovens sócios.

03.

ENCONTRO (aberto) de VIAJANTES “IRÃO/ORMUZ”

A ausência de filme de tão bem sucedida viagem não impediu que os 36 que dela usufruíram revivessem as belezas monumentais e a afabilidade do povo iraniano em troca de memórias e em registos fotográficos que mereceram prémios (simbólicos, claro...).

02.

FADO DE COIMBRA NOS JERÓNIMOS

Em Julho, coube a vez ao “*Serenata de Coimbra*” cantar e encantar colegas, amigos e muitos turistas em visita ao Mosteiro dos Jerónimos, cimentando assim uma prática de alguns anos a esta parte como meio de difusão da Canção de Coimbra.

04.

COLABORAÇÃO E CONVÍVIO COM OUTRAS ENTIDADES

- ◆ **O Magnífico Reitor da Universidade de Coimbra** convidou-nos a assistir à Cerimónia de Abertura Solene das Aulas, ocorrida em 23 de Setembro;
- ◆ **O Magnífico Reitor e o Presidente da Associação Académica de Coimbra** requereram a nossa presença na visita "*7 Séculos, 7 Personalidades, 7 Histórias dedicadas à Academia*" no dia 12 de Dezembro;
- ◆ **O Presidente da Assembleia Geral e a Presidente da Direcção** representaram o Magnífico Reitor da Universidade de Coimbra, a seu pedido, no lançamento da edição de relógios da *Longines* limitada a "*Portugal Nossa História*", tendo sido dedicados a cinco entidades: Convento de Cristo em Tomar, Mosteiro da Batalha, Mosteiro de Alcobaça, Mosteiro dos Jerónimos e Universidade de Coimbra., ocorrido no Mosteiro dos Jerónimos em 11 de Dezembro;



- ◆ **A Associação dos Antigos Estudantes de Coimbra no Porto** festejou no dia 5 de Dezembro o 22º aniversário da sua constituição com homenagem aos Fundadores da Associação e, no final, a sempre esperada *Serenata de Coimbra*;
- ◆ Estivemos presentes, em solidariedade académica, na actuação do "*Alma de Coimbra – Coro e Grupo de Guitarras*", inserida nas Comemorações do seu 10º Aniversário, que teve lugar no dia 11 de Novembro no Auditório dos Oceanos (*Casino Lisboa*);

- ◆ Também o "*Fundo Solidário Justiça e Paz*" (Coimbra) realizou o VI Jantar Solidário em 26 de Novembro, tendo esta Associação contribuído com o óbulo habitual;
- ◆ Com a mesma forma de contribuição, juntámo-nos à 27ª Festa de Natal promovida pela "*Comunidade Vida e Paz*" (Lisboa) em favor das Pessoas sem-abrigo;
- ◆ O Grupo jovem "*Serenata ao Luar*" actuou na apresentação do livro da autoria do Colega Hélder Rodrigues da Associação dos Antigos Estudantes de Coimbra em Braga - "*Coimbra, Cidade Universitária da Lusofonia – Crónicas de Afectos com Pessoas Dentro*" – por Fernando Regateiro e Carlos Carranca, na *Livraria Almedina* (Átrio Saldanha em Lisboa), em 9 de Dezembro.

05.

SE NÃO SABIAS FICAS A SABER QUE...

Deram entrada na **Biblioteca** da nossa **Associação** neste 2º Semestre de 2015, enriquecendo o património com livros e outra documentação os Sócios e Amigos: Associação dos Pupilos do Exército, o seu periódico.

Perdoar-nos-ão os que, por lapso involuntário, não foram nomeados.

IN MEMORIAM...

Deixaram-nos... no primeiro semestre de 2015:

- Ten-Cor. Arnaldo Manuel Serra Gomes, Sócio nº 507 – em Julho
- Dr. Eduardo Nunes da Silva Baptista, Sócio nº 913 – em Outubro.

... e, só agora, subemos de:

- Dr. Eduardo Correia Azevedo, Sócio nº 330 – em 2013

- Dr. José Carlos Almeida Amaral, Sócio nº 110 – em Outubro de 2014
- Cor. António Antunes Pinheiro, Sócio nº 285 – em Abril de 2015
- Cor. Casimiro Dias Morgado, Sócio nº 670 – em Maio de 2015

Que descansem em Paz!

NOTAS:

Ainda temos Sócios com quotas em atraso, não só deste ano como de anos anteriores (alguns...)
Quando estarão todas em dia? Não podemos "viver" sem elas!



Julho a Dezembro 2015

FICHA TÉCNICA

CAPA E BATINA

DIRECTOR: A Presidente da Direcção

EDIÇÃO: Associação dos Antigos Estudantes
de Coimbra em Lisboa

Instituição de Utilidade Pública

Rua António Pereira Carrilho, 5 - 1º

1000-046 LISBOA

TEL. 21 849 41 97 FAX. 21 849 42 08

E-MAIL: aaecl@sapo.pt

INTERNET: www.aaec-lisboa.com

FACEBOOK: AAEC em Lisboa

PERIODICIDADE: Semestral

TIRAGEM: 1000 exemplares

DISTRIBUIÇÃO GRATUITA AOS

SÓCIOS DA ASSOCIAÇÃO



O CORO INFANTIL DA UNIVERSIDADE DE LISBOA (CIUL) faz a sua primeira apresentação pública em Junho de 2005, na Aula Magna da Reitoria da Universidade de Lisboa. Desde então tem vindo a desenvolver uma nova linguagem, que associa a expressão corporal e teatral ao canto. Realiza mais de 100 concertos e espectáculos no país e no estrangeiro: destacando-se os seguintes: *Paixão segundo São Mateus* no Grande Auditório do CCB; concerto com o coro finlandês *Tapiola Choir*, no CCB; dois concertos no Parlamento Europeu; estreia a ópera *Menina Gotinha de Água*; participação num dos mais prestigiados festivais de coros juvenis do mundo, em Basileia, para o qual foi seleccionado por um júri internacional; *Paixão segundo São Mateus*, no Grande Auditório da FCG, (2014). Realiza a primeira digressão internacional em 2010 (Zurique, Estrasburgo e Basileia), seguindo-se uma digressão à Bélgica e Holanda (Amesterdão), em 2013. Já em 2015, realiza uma digressão nos Açores. Integra o Projeto Europeu de Cooperação *Voix d'Enfants/Espace Scenique*, no âmbito do qual realizará duas digressões europeias, em 2016 e 2017.

